

SIMPÓSIO AT163
**ALFABETIZAÇÃO EMANCIPATÓRIA NOS PROGRAMAS DE
ACELERAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

AMARAL, Mayara Conceição do
Universidade Federal Fluminense (UFF)
mayara_mmi@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa baseia-se em investigar a trajetória escolar dos alunos participantes das Classes de Aceleração de Aprendizagem no Município de Itaboraí no Rio de Janeiro. Decorridos quase 20 anos da criação do Programa Aceleração da Aprendizagem, surge uma questão: como pode haver nas escolas tantos alunos com distorção idade-série? Embasada em autores como PATTO, ARROYO, ESTEBAN, PAULO FREIRE, GARCIA, PEREZ, dentre outros, desenvolvi um estudo investigatório tendo como objetivos específicos: Pesquisar as experiências de alunos de turmas de aceleração; Identificar diferentes interferências no universo escolar do aluno durante sua permanência nesta classe; Compreender as dificuldades dos alunos nas séries/anos anteriores às classes de Aceleração. Que fatores internos e externos à escola contribuíram para o fracasso desses alunos? Tendo em vista que os alunos destas classes são oriundos das classes populares e apresentam baixo autoestima em relação aos estudos, o objetivo do Programa de Aceleração além de corrigir a idade-série dos alunos com a intenção de reduzir a repetência e a evasão escolar, é também incentivar projetos que promovam a autonomia e a elevação de autoestima do aluno. Além de efetivar perspectivas de avaliação que pressuponham uma perspectiva emancipatória com base na relação conteúdo e cotidiano (ESTEBAN, 2006). Acompanhando uma turma de aceleração II, percebeu-se que o projeto que estava sendo desenvolvido em 2018 apresentou grande avanços nos campos afetivos, de linguagens e de compreensão das atividades. Pensar em alfabetização emancipatória nestas classes é se desprender das amarras da irracionalidade e das práticas eurocêntricas que ainda desempenhamos nas salas de aula.

Palavras-chaves: Programas de Aceleração; Alfabetização; Trajetória Escolar; Classes Populares.

Abstract: This research is based on investigating the school trajectory of the students participating in the Learning Acceleration Classes in the Municipality of Itaboraí in Rio de Janeiro. Almost 20 years after the creation of the Acceleration Learning Program, one question arises: how can there be so many students with age-grade distortion in schools? Based on authors such as PATTO, ARROYO, ESTEBAN, PAULO FREIRE, GARCIA, PEREZ, among others, I developed an

investigative study with specific objectives: To search the experiences of students in accelerating classes; Identify different interferences in the school universe of the student during his stay in this class; Understand the difficulties of the students in the grades / years prior to the Acceleration classes. What factors inside and outside the school contributed to the failure of these students? Considering that the students of these classes come from the lower classes and have low self-esteem in relation to the studies, the objective of the Acceleration Program, besides correcting the student's age-series with the intention of reducing repetition and school drop-out, is also encourage projects that promote autonomy and increase student self-esteem. In addition to effecting evaluation perspectives that presuppose an emancipatory perspective based on the relation content and daily life (ESTEBAN, 2006). Accompanying an acceleration class II, it was noticed that the project that was being developed in 2018 showed great advances in the affective fields, languages and understanding of activities. Thinking about emancipatory literacy in these classes is to detach itself from the bonds of irrationality and Eurocentric practices that we still teach in classrooms.

Keywords: Acceleration Programs; Literacy; School Trajectory; Popular Classes.

O objetivo desta pesquisa é investigar a trajetória escolar dos alunos participantes das Classes de Aceleração de Aprendizagem no Município de Itaboraí no Rio de Janeiro. Meu contato com as Classes de Aceleração de Aprendizagem (como se nomeia no município) se deu por conta de uma inesperada proposta da escola onde atuava como professora para que assumisse uma dessas classes. A criação das Classes de Aceleração já previstas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 que, no item V do Art. 24, prevê "possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar", encontra-se amparada pelos Artigos 146 ao 151 do Regimento Escolar da Rede Municipal do ano 2014.

No início do Programa de Aceleração no Município de Itaboraí quando foram formadas poucas turmas, em 2007 haviam cinco turmas de aceleração, 2008 haviam menos que cinco, este número foi mudando até que em 2018, abriu-se 9 turmas sendo turmas de aceleração I e II. Lembrando que a intenção é que as quantidades de turmas sejam reduzidas ao máximo.

Durante muito tempo foi imputada a culpabilização do fracasso escolar das classes populares aos próprios alunos e suas famílias. Explicava-se o sucesso escolar como aptidões e dons que eram inatos no aluno – a escola era

tida nas análises de tendência funcionalista, como uma instituição neutra. Entretanto estudos como o de PATTO (1999) apontam três causas, teóricas, para as dificuldades de aprendizagem das crianças das camadas populares: a inadequação da escola pública em lidar com esse aluno da classe popular, as suas condições de vida e, por parte dos docentes, a falta de sensibilidade e de conhecimento da realidade vivida pelos seus alunos, em consequência da distância entre a sua cultura e a deles.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o Programa de Aceleração no Município de Itaboraí e o percurso escolar desses alunos das classes de aceleração, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e educacionais. A partir daí desenvolvi um estudo investigatório apoiando-me nas experiências das turmas de aceleração, a trajetória até a ingressão na turma e redes formadas com a escola e a secretária de educação.

Levando em consideração os percursos escolares dos alunos das Classes de Aceleração, as abordagens metodológicas foram: diálogo com professores de turmas de aceleração por meio de rodas de conversas nos planejamentos semanais e nos encontros de formação continuada, nessas reuniões coletivas tomávamos conhecimento do real índice de alunos com distorção idade-série no Município; estudar o Regimento Municipal; relatórios bimestrais e históricos escolares dos alunos das Classes Aceleradas.

Pautada na pesquisa com o cotidiano, inicio esta pesquisa. Pesquisar na linha de pesquisa do cotidiano é descobrir-se, conhecer-se, modificar-se, transformar-se. Desde a graduação eu participava das rodas de conversas promovidas pelo GRUPALFA (grupo de pesquisa em alfabetização dos alunos(as) das classes populares) e ouvir todas aquelas falas e não associá-las ao meu cotidiano escolar me inquietava, porém confesso que por não estar totalmente a par deste campo de pesquisa era uma inquietude que dava e passava. Meus olhos só começaram a se abrir com meu ingresso na Pós-Graduação Lato Sensu Alfabetização das Classes Populares. A troca de experiências entre os alunos, os professores que regeram os módulos, os palestrantes que dialogavam sobre assuntos totalmente pertinentes a nossa

atualidade me fizeram perceber que havia algo de errado com minha prática docente.

Avaliações excludentes e classificatórias

O acompanhamento do cotidiano escolar, o diálogo com as professoras e com as crianças em processo de alfabetização, a observação atenta dos processos instaurados e resultados obtidos evidenciam a insuficiência dos procedimentos de avaliação e de alfabetização estimulados pelo sistema de avaliação externa baseado em exames nacionais estandardizados par uma aprendizagem que se articule ao enfrentamento das desigualdades que a legitimação da diferença cultural promove. (ESTEBAN, 2019)

Historicamente, segundo BARRIGA (2004), o exame não foi criado afim de medir o aprendizado do aluno. A lógica do exame que temos hoje é fruto da pedagogia do século XIX, onde a atribuição de notas se torna exclusiva aos trabalhos escolares. Depositar nas avaliações as fichas de que o aprendizado foi “realizado com sucesso” é não dar importância ao processo, mas sim ao fim. Mesmo que o aluno tenha demonstrado durante todo o percurso do trabalho pedagógico que compreendeu o sentido do que lhe estava sendo proposto pode ser que na hora da prova propriamente escrita ele não consiga se expressar efetivamente. De acordo com KRUG (2006), avaliar é refletir sobre a prática e a partir daí investigar o que se deve fazer em relação ao processo construído até aquele momento. ROMÃO (2005) chama este conceito de avaliação diagnóstica onde se faz um levantamento das dificuldades dos alunos e mediante a isso traça-se rumos para que a aprendizagem seja significativa e seja realizada. Este conceito de avaliação considera o exame algo contínuo e paralelo ao que está sendo proposto cotidianamente na sala de aula.

Além das provas escolares, os alunos ainda participam de avaliações externas como Provinha Brasil, Prova Brasil, ANA e PROVITA¹. Provas essas

¹ PROVITA é uma prova interna do município. Seria uma preparação para a PROVA BRASIL, geralmente acontece no começo do ano letivo para turmas de 4^a e 5^a ano.

ditas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) como avaliações diagnósticas e sem finalidades classificatórias. Ora, como é possível que avaliações como estas aplicadas em todo o Brasil com questões padronizadas e com fim no levantamento de dados não sejam classificatórias? Questões de múltiplas escolhas de língua portuguesa e matemática que não leva em consideração as diversidades nem dentro da sala de aula nem as diversidades regionais. A questão não é avaliar ou não, e sim o que avaliar e como avaliar. Conceitos como avaliação classificatória e excludente apenas reforçam as desigualdades sociais e reafirmam as diferenças de classes. “Avaliar é interrogar e interrogar-se” (ESTEBAN, 2004). Propor uma avaliação investigatória, dialógica e reflexiva não é uma tarefa fácil, visto que as salas de aula são compostas por múltiplas particularidades de sujeitos totalmente diferentes um do outro. Entretanto, ao debater sobre a questão já é de grande valia para o campo educacional, ver professores se questionando sobre a avaliação é saber que algo está errado quando um aluno reprova várias vezes a mesma série por não acertar toda a prova, tornando o exame um instrumento de certificação (AFONSO, 2005).

Reunião Pedagógicas

As reuniões pedagógicas de 2018 consistiram no agrupamento dos professores das classes de aceleração do município uma vez ao mês. A Assessoria Pedagógica da Aceleração propõe momentos de trocas de experiências e atividades para serem apresentadas nas reuniões. Em fevereiro, a reunião teve como pauta o tema *Avaliação da Aprendizagem: Como organizar o diagnóstico inicial com os alunos?* onde orientou-se as múltiplas formas de realizar um diagnóstico inicial com os alunos da aceleração. Em março, o assunto foi *Funcionalidade do diagnóstico do Registro de Aprendizagem*. Os professores levaram seus diagnósticos e a partir deles traçaram metas e objetivos de como realizar as atividades mediante essa documentação apresentada.

A partir da leitura compartilhada de *Romeu e Julieta* de Ruth Rocha, abriu-se a reunião do mês de abril. Neste mês, a ênfase estava na rotina do planejamento semanal e outros meios de realizar registros diários dos processos de leitura e escrita dos alunos. Em maio, o foco foi nas orientações para os relatórios trimestrais e plano de ação para atender as necessidades dos alunos que ainda não estavam a par do Projeto da Aceleração. Em junho retomou-se os tópicos de março, agora dando atenção a correção da produção textual dos alunos, enfatizando o erro como meio produtivo. Leu-se nesta reunião o livro *O carteiro Chegou* de Janet e Allan Ahlberg que engloba diversos tipos de gêneros como carta, bilhete, reportagem, textos corridos e etc. Nesta reunião pedagógica os professores apresentaram os trabalhos dos alunos referentes aos gêneros textuais.

Percebe-se que além do processo de leitura e escrita a conscientização humana e valores sobre si e sobre o outro são trabalhados nesta turma. O jogo de palavras, os sentidos das frases e a entonação e impacto da mensagem contida em cada texto mostra um conceito que PÉREZ chama de *aula como acontecimento* onde a aprendizagem se dá por três princípios: pensamento é criação, a aprendizagem é um processo coletivo e educar não é conduzir (PÉREZ, 2015).

PRÁTICAS DOCENTES: A turma da professora Suziane

Nesta pesquisa acompanhei uma turma de aceleração da Escola Municipal Antônio Alves Vianna, no bairro do Apollo II, no município de Itaboraí. A professora Suziane Barros lecionava nesta turma de aceleração II. Lembro aqui que para o aluno ingressar em uma classe de aceleração é necessário que o responsável assine um termo de autorização e infelizmente alguns pais se recusam. Percebe-se que, a “pedagogia da exclusão” ainda paira sobre a comunidade escolar tendo em vista o olhar preconceituoso sobre as classes de aceleração. Ainda existe um desconhecimento sobre a importância dessas turmas por parte da comunidade escolar.

A professora Suziane relatou como o trabalho com a sua turma de aceleração II estava sendo conflituosa. *“Tem dias que o cansaço toma conta!”*. Lecionar em uma turma de aceleração é uma tarefa difícil, exige sempre uma perspectiva de aprendizagem pautada na esperança, no olhar sensível e na escuta atenta. *“Até quero fazer mais, mas tem outras coisas envolvidas, você sabe, né?!”*. Materiais restritos, passeios barrados por falta de ônibus escolares, empecilhos na execução de projetos elaborados no furor pedagógico de determinada demanda que a turma apresenta... São muitas as restrições principalmente para as turmas aceleradas.

É de suma importância ressaltar que apesar da turma da professora Suziane ser uma classe de aceleração II, o processo de alfabetização encontra-se em construção. Foram acompanhados a execução de uma receita, um bingo da multiplicação, palestras e exposição de insetos e confecção de jogos matemáticos.

O professor de uma classe de aceleração primeiramente tem que estar ali. A tarefa é árdua, o caminho é longo e a tecedura é lenta, mas acontece. Primeiro, precisa-se acreditar que é possível um aluno da classe acelerada aprender. Segunda, criar caminhos e estratégias que proporcionem a interação e a comunhão dos sujeitos daquela turma. Terceiro, agir sempre sobre a ação-reflexão-ação. Rever conceitos, ressignificar teorias tidas como absolutas, transformar sua própria prática docente. Cotidiano é isso, tecer estratégias que ressignifiquem tanto o aluno como a si mesmo. Ninguém conscientiza ninguém, mas a minha própria conscientização pode servir de modelo para o outro auto se conscientizar. Emancipar-se é se desprender das amarras da irracionalidade e das práticas eurocêntricas que ainda desempenhamos nas salas de aula. Pensar e propor de acordo com a necessidade da turma atividades que movam pensamentos e ações me prol do concreto, da experiência.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Orgs.). Para além do fracasso escolar. São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. In: Em Aberto. Brasília, v. 17, n. 71, p. 33-44, 2000.

BARRIGA, A. D. Uma polêmica em relação ao eame. In: ESTEBAN, M. T. (org) Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Decreto nº6.094, de 24 de abril de 2007.

CIPRIANO, Carlos Luckesi, Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez Editora, 2005, 17ª edição.

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação numa perspectiva emancipatória: desafio cotidiano às práticas escolares. In: ZACCUR, Edwiges; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). Cotidiano e diferentes saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 73 – 89.

_____. Avaliação na alfabetização: tensões, intensidade e invisibilidade. In: CARREIRO, Heloisa Josiele Santos; TAVARES, Maria Tereza Goudard (Orgs.). Estudos e pesquisas com o cotidiano da educação das infâncias em periferias urbanas. São Paulo: Pedro & João, 2018, p. 57-76.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. Ed. Cortez, Coleção Polêmicas de nosso tempo, 1983, 4ª edição.

FREITAS, Luiz Carlos de. Ciclo ou séries? O que muda quando se altera a forma de organizar os tempos-espacos da escola? 27ª. Reunião Anual da ANPEd, Caxambu (MG) de 21 a 24 de novembro de 2004.

_____. Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. Educação e Sociedade. V. 28 M.100 Campinas, out. 2007

GARCIA, Regina Leite, OLIVEIRA, Anne Marie Milton. Alfabetização dos Alunos das classes Populares Ainda um Desafio. São Paulo: Cortez, 2001, 5ª edição.

ITABORAÍ. Projeto das Classes de Aceleração – Ensino Fundamental I e II. Secretaria de Educação (SEME), 2018.

_____. Regimento Escolar da Rede Municipal. Secretária Municipal de Educação e Cultura, 2007/2014/2017.

KRUG, Andrea. Ciclos de formação: uma proposta político-pedagógica transformadora. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. IDEB - Resultados e Metas. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/> > Acesso em 27/05/2019

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A . Queiroz, 1990.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Alfabetização, leitura e escrita: um convite à autoria. In: GARCIA, Regina Leite; ESTEBAN, Maria Teresa; SERPA, Andrea (Orgs.). Saberes cotidianos em diálogos. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p. 181-198.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Alfabetização e formação de professores. Aprendi a ler (...) quando eu misturei todas aquelas letras ali..., Rio de Janeiro: Wak, 2008.